|  |
| --- |
| **Colégio Equipe de Juiz de Fora**  **Rua São Mateus, 331 - São Mateus – Juiz de Fora – MG (32) 3232-8686** |
| **14 a 18/12/2020: 1º ano EM – 4º bimestre** |
| **DISCIPLINA: Literatura** |
| **PROFESSOR: Tatiana** |

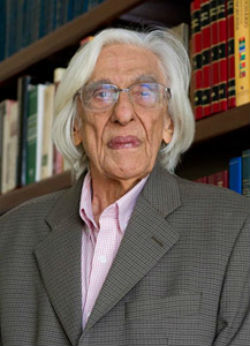
**Ferreira Gullar**

Ferreira Gullar foi poeta, jornalista, crítico de arte e precursor do movimento neoconcreto no Brasil.

Por meio de uma literatura experimental, radical e engajada, Gullar é considerado um dos maiores escritores brasileiros do século XX.

Fez parte da Academia Brasileira de Letras (ABL) a partir de 2014, sendo sétimo ocupante da cadeira n.º 37.

**Biografia**



José de Ribamar Ferreira nasceu em 10 de setembro de 1930 na cidade de São Luís, no Maranhão. Era filho de Newton Ferreira e Alzira Ribeiro Goulart.

Ali viveu parte de sua infância e adolescência. Quando jovem, revelou seu interesse pela literatura e decidiu ser poeta.

Resolveu adotar o nome que ele mesmo criou: Ferreira Gullar. Seu nome artístico representa a união dos sobrenomes de seus pais, e ainda, a mudança da grafia de Goulart, pertencente a sua mãe. Nas palavras do poeta: “*Como a vida é inventada eu inventei o meu nome*”.

Com apenas 19 anos, em 1949, publicou sua primeira obra intitulada: “*Um pouco acima do chão*”. No Maranhão foi colaborar e fundador da revista “Ilha”.

No início da década de 50, Gullar mudou-se para o Rio de Janeiro e se envolveu com o movimento de vanguarda do concretismo. A [poesia concreta](https://www.todamateria.com.br/poesia-concreta/) foi produzida levando em conta os efeitos sonoros e visuais.

Na cidade maravilhosa trabalhou nas revistas “O Cruzeiro” e “A Manchete”, e ainda nos jornais: “Jornal do Brasil” e “Diário Carioca”.

No final da década de 50, Gullar abandona o [concretismo](https://www.todamateria.com.br/concretismo/) e funda um novo movimento: o Neoconcretismo. Ao lado de Lygia Clark e Hélio Oiticica, o [Neoconcretismo](https://www.todamateria.com.br/neoconcretismo/) surge no Rio de Janeiro, em contraposição aos ideais da corrente concreta paulista.

Foi ele quem escreveu o “*Manifesto Neoconcreto*”. O texto foi lido na “I Exposição de Arte Neoconcreta”, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em 1959.

“*O neoconcreto, nascido de uma necessidade de exprimir a complexa realidade do homem moderno dentro da linguagem estrutural da nova plástica, nega a validez das atitudes cientificistas e positivistas em arte e repõe o problema da expressão, incorporando as novas dimensões “verbais” criadas pela arte não-figurativa construtiva. (...) Não concebemos a obra de arte nem como “máquina” nem como “objeto”, mas como um quase-corpus, isto é, um ser cuja realidade não se esgota nas relações exteriores de seus elementos; um ser que, decomponível em partes pela análise, só se dá plenamente à abordagem direta, fenomenológica*.”

Além do Manifesto Neoconcreto, nessa época Gullar escreveu um de seus ensaios teóricos mais importantes: “*Teoria do não-objeto*”.

Em 2002 foi indicado para o “Prêmio Nobel de Literatura”. Foi galardoado duas vezes com o “Prêmio Jabuti” (2007 e 2011), o mais importante prêmio literário do Brasil.

Em 2010, Gullar recebeu o “Prêmio Camões”, o mais importante da literatura de língua portuguesa. Em 2014 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL).

Gullar faleceu em 4 de dezembro de 2016 no Rio de janeiro, aos 86 anos, vítima de pneumonia.

Seu último texto como colunista da Folha de São Paulo foi publicado no dia de sua morte: “*Para que alguém necessita ter a sua disposição milhões de dólares?*”

“*E, por falar nisso, para que alguém necessita ter a sua disposição milhões e milhões de dólares? Para jantar à tripa fora? Se ele investir esse dinheiro numa empresa, criando bem e dando emprego às pessoas, tudo bem. Mas ninguém necessita ter dez automóveis de luxo, vinte casas de campo nem dezenas de amantes.*

*Tais fortunas devem ser divididas com outras classes sociais, investidas na formação cultural e profissional das pessoas menos favorecidas, usadas para subvencionar hospitais e instituições para atender pessoas idosas e carentes*.”

**Obras**

Gullar foi dono de uma vasta obra literária. Ele escreveu poemas, contos, crônicas, ensaios, memórias, biografias, dramaturgia, críticas, e ainda fez traduções.

**Poemas**

Para compreender melhor a linguagem do escritor, confira abaixo alguns de seus poemas mais destacados:

**Traduzir-se**

Uma parte de mim  
é todo mundo;  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.

Uma parte de mim  
é multidão:  
outra parte estranheza  
e solidão.

Uma parte de mim  
pesa, pondera;  
outra parte  
delira.

Uma parte de mim  
almoça e janta;  
outra parte  
se espanta.

Uma parte de mim  
é permanente;  
outra parte  
se sabe de repente.

Uma parte de mim  
é só vertigem;  
outra parte,  
linguagem.

Traduzir-se uma parte  
na outra parte  
— que é uma questão  
de vida ou morte —  
será arte?

**Não Há Vagas (Exemplo de Poesia Social)**

O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão

O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.  
Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras

- porque o poema, senhores,  
está fechado:  
“não há vagas”

Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço

O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira

**Mar Azul (Exemplo de Poesia Neoconcreta)**

mar azul  
mar azul marco azul  
mar azul marco azul barco azul  
mar azul marco azul barco azul arco azul  
mar azul marco azul barco azul arco azul ar azul